



As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual¹

Lisiane Machado AGUIAR²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

A cartografia como processo teórico-metodológico vem se constituindo recentemente como uma via alternativa para diferentes perspectivas de estudo. Antes, seu uso já se revelava na Psicanálise e na Educação com mais intensidade. Atualmente, a encontramos em Campos mais incomuns, como na Comunicação. Sua apropriação conceitual tem como base, principalmente, a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Contudo, seu grande diferencial é um pensamento que não se materializa como histórico, que reproduz os fatos de forma representativa, mas geográfico compreendendo que o método em uma pesquisa é como uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estática. Dessa forma, este artigo tem como objetivo principal refletir as potencialidades da cartografia como método de pesquisa processual.

PALAVRAS-CHAVE: cartografia; comunicação; método; processualidade.

INTRODUÇÃO

As pesquisas em Comunicação, principalmente as que ainda seguem modelos consolidados no campo, muitas vezes, observam seus objetos unicamente por uma via. Seguindo o paradigma de representar o objeto, adotam uma perspectiva determinista que o isola das diversas conexões que poderiam existir, ou seja, para tentar compreender o objeto, acabam separando os processos que o compõe em eixos específicos. Por exemplo, pensando nas pesquisas em comunicação, ou focam nos *processos de produção*, ou na *recepção*, ou na *interação social sobre a mídia*. (BRAGA, 2006).

Contudo, é possível que tal investigação seja desenvolvida a partir de uma processualidade ampla, ou seja, é importante, como afirma Braga “pensar que os processos geram estruturas tanto quanto as estruturas se realizam em processos” (2006, p.30). Com isso, é importante não estagnar na perspectiva de que, estudando as

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista de mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, na Área de Concentração Processos Midiáticos - Linha de Pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais. Membro do Grupo de pesquisa em Audiovisualidades (GPAV) e do Grupo de Pesquisa em processos comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção (PROCESSOCOM). E-mail: lisiaguilar@gmail.com

estruturas, é possível identificar os processos que são desenvolvidos, pois é na observação dos processos em ação que melhor compreende-se a própria formação das estruturas.

Deste modo, busco na processualidade da cartografia uma alternativa para os estudos em comunicação, pois ela reverte com os sentidos tradicionais de método. “Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas” (PASSOS e BARROS, 2009, p. 17).

A apropriação conceitual da cartografia tem como base, principalmente, a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, no livro *Mil platôs* (1995). A presença de Deleuze (autor que se debruçou na releitura de diversos filósofos) faz com que o conceito se caracterize pela atualização de diversos projetos filosóficos, como o método intuitivo de Henri Bergson, ou a genealogia de Michel Foucault. De Bergson, Deleuze (2004) traz para a cartografia as noções de multiplicidade e temporalidade, tais quais como estão construídas no conceito de Duração: o jorro ininterrupto de mudança em que se encontram as diferenças de natureza. Já de Foucault, além do apreço por metáforas geográficas, Deleuze (1990) parece se inspirar no conceito de Dispositivo, como um conjunto multilinear de elementos moventes e heterogêneos. Duração e Dispositivo, a meu ver, são a base de um dos princípios fundadores da cartografia, o Rizoma: uma imagem do pensamento múltiplo.

Nessa multiplicidade realizar uma pesquisa e enfrentar seu caos não significa pensar historicamente no sentido de narrar os acontecimentos ou de adotar um método tal qual definido pelas ciências naturais para se chegar a um fim concreto ou a uma verdade absoluta, mas é pensar geograficamente, ou seja, o método de pesquisa como uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estático. Dessa forma, podemos pensar o método assim como Morin: “caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha” (2003, p. 36). Ou ainda como o poeta sevilhiano António Machado (1995, p. 66) escreveu: “*caminante, no hay camino, se hace camino al andar (...)*”. Mas, o que isso significa? Significa que as estratégias metodológicas em uma pesquisa vão se construindo na relação com o próprio objeto, de forma processual.

Assim, é possível desenvolver uma pesquisa investigando não somente o objeto, mas os próprios processos. Para isso, pensar em investigação de processos é necessário que se faça uma observação, já que a palavra processo, segundo Barros e Kastrup (2009), possui dois sentidos muito diferentes que podem remeter tanto à noção de *processamento* quanto a de *processualidade*.



Para as autoras a ideia de processamento no desenvolvimento de uma pesquisa esta relacionada somente como uma coleta de dados e análise de informação. Assim, os dados são processados a partir de regras lógicas, que são, em última análise, as regras do método que surgem segundo Howard Becker (1994) com um caráter predominantemente proselitizante³. Para ele, há uma propensão muito forte dos metodólogos a apregoar uma “maneira certa” de fazer as coisas.

Se por outro lado, compreendemos o processo como processualidade, ela está presente em cada momento da pesquisa. A processualidade se faz presente nos avanços e nas paradas, em campo, em letras e linhas, na escrita, em nós, ou seja, a partir do reconhecimento de que o tempo todo estamos em processo, em obra. Me permito a pensar com Jesús Martín Barbero, para o qual é necessário passar *dos meios às mediações*, ou ainda, refletir com sua frase sintomática, na qual é necessário *perder o objeto para ganhar o processo*.

Por que estudar novos métodos de pesquisa na comunicação?

Os estudos recentes na comunicação remetem para a necessidade de uma análise mais aprofundada das especificidades da cartografia em relação à área da comunicação bem como de suas bases epistemológicas. Contudo, para compreender essa conexão é necessário compreender as próprias especificidades do campo. Mas afinal, o que é o campo da comunicação?

Para Navarro (2003) existe um campo da comunicação no sentido que Bourdieu (1983) trás de campo, na qual para se formar um campo científico os conflitos epistemológicos acabam sendo os mesmos e inseparáveis dos conflitos políticos no que se refere à autonomia conquistada por um campo, ou seja, para Bourdieu um campo científico é consolidado quando “os dominantes são aqueles que conseguem impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem”. (BOURDIEU, 1983, p. 128). Dessa forma, Navarro utiliza o conceito de campo científico de Bourdieu para refletir que a constituição científica do campo acadêmico da comunicação é uma pretensão que se desdobra em duas fortes tendências: “la imposición de un solo modelo de futuro, o a considerar la diversidad de fundamentos como un defecto”. (2003, p. 21). Para o autor a

³ Becker associa às religiões proselitizantes para dizer que a metodologia passa a ser encarada como uma salvação, na qual sem ela “Deus não estará ao seu lado”.



constituição do campo da comunicação é tão recente como incipiente e com isso o maior problema parece ser o de saber legitimar aqueles estudos que podem ou não serem mantidos a fim de que o campo ganhe cientificidade. Nessa dificuldade em determinar os que ficam ou são banidos há o desenvolvimento de um paradigma⁴ denominado, por Navarro, de *pluralismo teórico*. Segundo o autor, isso ocorre no início dos anos 80 como uma busca dos pesquisadores em desvendar o que é o campo da comunicação. Esse interesse crítico pela história social e intelectual do próprio campo resultou “en una polémica multidimensional y en el reconocimiento de una fragmentación aparentemente irresoluble (...)” (2003, p. 22). Consequentemente, não encontrando um paradigma universal do campo comunicacional aceitou-se comodamente outro paradigma: o *pluralismo teórico*. Essa questão plural levantada por Navarro me ajuda a refletir sobre outra na área da comunicação e fundamental nessa investigação: a questão do pluralismo metodológico.

Segundo Rossetti a “abordagem comunicacional não possui ainda uma metodologia própria, como um campo em construção busca na conjunção de diferentes métodos, advindos das ciências sociais e humanas, os referenciais epistemológicos que lhe dêem estatuto de ciência”. (2008, p. 247). Contudo, essa pretensão obstinada pela cientificidade do campo gerou um uso do método de pesquisa simplesmente como ferramenta, na qual há imensas dificuldades em conjugar as problematizações teóricas com as metodológicas e com as dimensões empíricas do objeto. Com isso, falta um maior diálogo entre elas e “apesar do reconhecimento formal sobre a importância do nível metódico, este continua abordado em termos instrumentais e secundários” (MALDONADO, 2003, p. 207). Assim, para Maldonado (2003) os formatos de realização das pesquisas em comunicação “continuam reproduzindo separações postizas de níveis, o teórico torna-se exercício retórico de falsa erudição e o estratégico metódico reduz-se a aplicação de ferramentas.” (Ibid., p, 207).

Dessa forma, o maior problema não parece ser nem o pluralismo teórico nem o metodológico, mas o uso repetitivo de fórmulas e de conceitos simplesmente trazidos de outras áreas do conhecimento sem reflexão ou problematização. É importante esclarecer que essa pluralidade não é um obstáculo, pelo contrário trouxe importantes contribuições na flexibilidade de novas conjunções como, por exemplo, a união da etnografia para os estudos das redes sociais, resultando no que conhecemos na

⁴ O conceito de paradigma será melhor desenvolvido na parte: 2.1.2 *O que é uma paradigma?*



comunicação como “netnografia”; mas por outro lado como aponta Maldonado (2003) esses usos indiscriminados “tem confundido o fazer comunicacional como um derivado dos fazeres da área de origem: são ilustrativos os casos da lingüística aplicada; sociologia da cultura; psicologia comportamental, de grupos; etnografia de audiências (...)” (ibid., 220).

Não é por acaso que encontramos na própria tentativa de definições do que seja a comunicação diferentes perspectivas. Das inúmeras que encontrei a de Navarro me parece dar uma melhor dimensão, pois não a rotula, mas mostra as diversas redes conceituais que a compõe:

La “comunicación”, como quiera que la definamos, implica sistemas e y prácticas socioculturales, cognoscitivas, económicas y políticas, y dimensiones psicológicas, biológicas y físicas de las que necesariamente participamos. La construcción de objetos de conocimiento sobre ella no puede ignorar que como sujetos estamos implicados en esos objetos. Por ello el hecho de construirlos y desarrollarlos de una u otra manera afecta su propia naturaleza objetiva, la “naturaliza”. En el campo de comunicación, la tensión esencial parece ser ontológica: su objeto es un factor constitutivo de lo humano, y al mismo tiempo un instrumento para la consecución de fines particulares, histórico-sociales determinados. Estamos hechos de comunicación, como individuos y como sociedades, pero también usamos la comunicación para afectar particularmente esta constitución. (NAVARRO, 2003, p. 36, grifo do autor).

Nessa perspectiva, pensar a comunicação não significa pensar que “tudo é comunicação” ou que ela seja ciência de tudo. Para Breton e Proulx (2002) essa postura tira a comunicação do quadro de referência científica para virar parte unicamente de um valor social. Para eles a solução está em uma postura crítica das pesquisas em comunicação. Maldonado (2003) segue na mesma linha, para ele os avanços estratégicos do campo estão na fundamentação e desenvolvimento de uma *epistemologia da comunicação*, ou seja, pensar a comunicação em termos *metateóricos* e *metametodológicos*. Mas, o que significa isso? Significa “refletir, avaliar, reformular, desconstruir, argumentar criticamente, desenhar estratégias para a resolução de problemáticas fortes, tanto na dimensão conceptual quanto na sua relevância sociocultural, é um desafio da conjuntura contemporânea”. (2003, p. 211).

Como podemos ver nessa breve contextualização ainda estamos em uma fase de construção do campo das ciências em comunicação sendo de suma importância fazer reformulações teórico-metodológicas e realizar a *pesquisa da pesquisa*⁵ para avançar os

⁵ Segundo Maldonado (2003) a pesquisa da pesquisa “propõe-se numa perspectiva epistemológica histórica/genética/ construtiva/política que problematiza os paradigmas e modelos teóricos, explicitando-os na sua configuração interna – sistemas de hipóteses, categorias, conceitos e noções - e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas. Isso significa problematizações teóricas



conhecimentos na área da comunicação. Dessa forma, estudar os usos teórico-metodológicos da cartografia na comunicação significa trilhar percursos de pesquisa pouco realizados na comunicação social, que ainda estão se inventando, mas que necessitam de uma configuração comunicacional, ou seja, estudar a dimensão teórico-metodológica de um método na comunicação é um elemento crucial para se pensar a própria epistemologia da comunicação.

Mas, afinal de contas, o que é a cartografia?

Eu me permito a pensar que a cartografia é um método que busca desenvolver práticas de acompanhamento de processos e para isso se desvencilha de métodos rígidos que buscavam representar o objeto retirando-o de seu fluxo e separando-o do sujeito.

Sim, essa pode ser uma possível resposta para se tomar como rumo, mas ainda restam outras a esclarecer: *A cartografia foi pensada para ser um método? O que é um método processual?*

A história da cartografia, que traz no sentido etimológico ‘carta escrita’⁶ é antiga. Por muitos anos o termo ficou restrito ao campo das ciências geográficas, mas atualmente não é possível pensar nela apenas como “arte ou ciência de compor cartas geográficas”⁷, pois passou a ser vista, também, pelo prisma do que se convencionou chamar de *filosofia da multiplicidade*, ou seja, a cartografia, de Deleuze e Guattari, busca em diferentes territórios as especificidades necessárias para compor uma área dinâmica. Antes é preciso saber: *Quem foram Deleuze e Guattari? Em que época a cartografia deixou de fazer parte exclusivamente da geografia e adentrou o terreno da filosofia? O que é filosofia?*

Como dizer quem foram? Não há respostas simples... não há respostas “verdadeiras” para definir quem foram, mas sempre há pistas:

aprofundadas que estudem com respeito, sistematização e senso crítico os argumentos teóricos de cada modelo, realizando uma *desconstrução* minuciosa - que requer de *tempos lógico-reflexivos* adequados ao amadurecimento da pesquisa - e reformulando questões teóricas em inter-relação com outras vertentes conceituais importantes para a problematizações em comunicação”. (2003, p. 206, grifo do autor).

⁶ Do Latim *charta* - Grego *chartes*, carta + *graph*, r. de *graphein*, escrever.

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico* – Século XXI – Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lexicon Informática Ltda., 1999.



Escrevemos O anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. (...) Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados”. (1995, p. 11, grifo nosso).

Que pista é essa?

É um rastro deixado na introdução de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, intitulada RIZOMA – *mas, a que isso leva?...* leva a perceber que é preciso se desvencilhar de todo dogmatismo científico que busca uma verdade absoluta, uma unidade, uma representação para adentrar na filosofia de Deleuze e Guattari, uma *filosofia da multiplicidade*.

Uma filosofia é o que tentamos fazer, Félix Guattari e eu, em *O anti-Édipo* e em *Mille Plateaux*, sobretudo em *Mille Plateaux* que é um livro volumoso e propõe muitos conceitos. Cada um de nós tinha um passado e um trabalho anterior: ele em psiquiatria, em política, em filosofia, já rico em conceitos, e eu com *Diferença e repetição e Lógica do sentido*. Mas não colaboramos como duas pessoas. Éramos sobretudo como dois riachos, que se juntam para fazer “um” terceiro, que teria sido nós. (DELEUZE, 1992, p. 170-171).

Como esses dois riachos se cruzaram?

Em Maio de 68, em uma Europa que ansiava por mudanças após ter passado por inúmeras barbáries, vários pensadores, muitos vezes referidos como “pós-modernos”, “pós-estruturalistas”⁸ começam a buscar novas formas de pensar a filosofia por um prisma que a religasse com a vida cotidiana, ou como nos fala Deleuze: pensar a imanência: *COMO* uma vida.... a “vida está em toda parte, em todos os momentos que tal ou qual sujeito vivo atravessa e que tais objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos”.⁹

Assim, não somente Deleuze e Guattari procuram se desconstruir, mas outros conhecidos autores como Foucault, Derrida, Barthes, citando apenas os mais familiares, sem esgotar todos que contribuíram para um projeto construtivista, prenunciando novas ideias de pensamento para esse novo século.

A filosofia passa a ser, para Deleuze e Guattari, criação de conceitos, juntos criam inúmeros. Apenas para citar alguns que desenvolveram em *Mil Platôs*: desterritorialização, rizoma, ritornelo, cartografia, hecceidades, platôs, etc. Unidos

⁸ Coloco entre aspas os conceitos de “pós-modernos”, “pós-estruturalistas”, pois essa denominação coloca os autores em uma categoria linear, assim como faz a historiografia que para contar o passado delimita o tempo, sem colocá-los no plano do acontecimento, do devir, da imanência do vivido.

⁹ GILLES, Deleuze. Imanência: uma vida... Disponível em: http://www.4shared.com/file/35407578/cc5a0c80/Gilles_Deleuze_-_A_imancia_Um.html?err=no-sess Acessado: nov. 2009.



escreveram também quatro livros, o primeiro, em 1972, intitulado *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*; em 1975, *Kafka: por uma literatura menor*; em 1976 iniciaram *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (no Brasil dividido em cinco volumes); por último, em 1980, *O que é filosofia?*

Em todas as obras o mais importante é que a filosofia da multiplicidade nos permite acionar o conceito desejado e criar junto possíveis soluções para uma questão, com isso não há entrada nem saída que sejam corretas ou orientadoras para esse caminho plural.

Um conceito que ajuda a criar uma imagem do pensamento múltiplo é o rizoma. A proposta de Deleuze e Guattari é que *Mil Platôs* fosse pensado como um livro-raiz, um livro menor que não busca a natureza do livro clássico, que imita a árvore, e na qual o pensamento é realizado na unidade de um reflexão teórica, mas, sim, um livro que possibilitasse a criação, a multiplicação de conceitos, porém, é indispensável fazer o múltiplo,

não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. (1995, p.150.

Para melhor compreender esse sistema eles enumeraram seis características aproximativas do rizoma que são chamados de princípios. Atualmente, o conceito de rizoma é constantemente ativado em muitos trabalhos para ajudar a pensar as mais diversas questões, na comunicação, por exemplo, ele é atualmente ativado para refletir sobre as redes¹⁰. Desse modo, é comum ao falar sobre o rizoma citar suas especificidades, assim se o leitor é familiarizado com eles, não os leia. Contudo, optamos por falar novamente deles, pois o conceito de cartografia aparece pela primeira vez no quinto princípio e quem não os domina necessita dessa abordagem para melhor compreender esse complexo conceito.

¹⁰ O conceito de rede é muito parecido com o de rizoma, pois a rede é múltipla, formada de linhas e não de formas espaciais, pouco importa o tamanho dessas linhas, pois tanto as diminuindo como as aumentando não deixam de ser uma rede o que importa são as suas conexões e não os seus limites. Por isso, de acordo com Kastrup, “a rede deve ser entendida com base numa lógica das conexões, e não numa lógica das superfícies”, isso quer dizer que não há um contorno definido e uma superfície determinada, o que existe é um “todo aberto, sempre capaz de crescer, através de seus nós, por todos os lados e em todas as direções”. (KASTRUP In FONSECA e KIRST, 2003, p. 53). As redes neurais e/ou informática ilustram, por exemplo, o conceito de rede, pois não são descritas e pensadas como algo fechado e estático, há nelas movimentos de conexão que nunca cessam e não importa a direção que tomam nunca é um caminho definido ou apenas único, assim como no rizoma ele é múltiplo.



De acordo com Deleuze e Guattari:

O 1º princípio - de **conexão** - informa que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado com qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15). Esse primeiro princípio serve para distinguir o modelo de árvore do rizoma, pois diferente da árvore que segue uma hierarquia (folhas / caule / raízes), o rizoma é totalmente livre, ou seja, conecta-se por contato e desenvolve-se por qualquer direção.

O 2º princípio - de **heterogeneidade** - mostra que o rizoma não é de origem lingüística. Para Deleuze e Guattari, enquanto a árvore funciona por dicotomias,

num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (1995, p. 15).

O 3º princípio - da **multiplicidade** - é a teoria/ciência do ser, a ontologia mais importante, pois é através dessa multiplicidade que Deleuze e Guattari conseguem afirmar que todas as coisas (objeto, sujeito, etc.) são desde sempre e para sempre moventes, ou seja,

é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo (...). Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mudem de natureza (as leis de combinação aumentam, pois, com a multiplicidade). (1995, p. 16)

O 4º princípio - da **ruptura a-significante** -, alerta que “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 18), ou seja, as formas podem sempre ser rompidas, mas mais do que isso, elas são permanentemente móveis, assim pode haver sempre uma devir linha que unida a outra faz a reposição continua e incessante das formas.

O 5º princípio - da **cartografia** -, para Kastrup esse “é o primeiro princípio metodológico da filosofia de Deleuze e Guattari. Ele aponta para o fato de que o pensamento sobre o rizoma não é representacional, mas inventivo” (KASTRUP In FONSECA e KIRST, 2003, p. 55). Assim, de acordo com Deleuze e Guattari o rizoma funciona como um mapa, quando se entende que

o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói (...). O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer

natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (...). Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas... (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 22).

O 6º princípio - da decalcomania - segue a lógica do decalque (copiar algo de alguma coisa que pode ser original), mas o “decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 23). Entretanto, o movimento criador só é possível quando iniciado pelo mapa, pois, se iniciado pelo decalque, não gera pontos de tensão e se torna apenas uma cópia. O importante do decalque são as comparações onde é possível relacionar os pontos de estruturação.

Entender os princípios do rizoma é importantíssimo, pois segundo Kastrup o rizoma “tem duas faces: ele é o método e é também a figura da ontologia de Deleuze e Guattari. O pensamento e o ser são rizomáticos, mas não formam dois planos isomorfos” (KASTRUP In FONSECA e KIRST, 2003, p. 56), ou seja, apresentam o mesmo plano, mas com duas faces. Assim, o rizoma não possui uma forma única, pois ele se modifica a todo instante, assim como cada indivíduo.

Segundo Marcondes Filho,

no rizoma, só há multiplicidade – cada indivíduo é uma multiplicidade infinita, a natureza uma multiplicidade de multiplicidades perfeitamente individuada – e o aparecimento eventual de unidades demonstra a ocorrência de uma violência do significante, um golpe realizado por este. As multiplicidades definem-se pelo externo, pela *linha de fuga*, segundo a qual elas mudam de natureza e se conectam a outras multiplicidades. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 150).

Logo, o rizoma, diferentemente das árvores ou raízes, é capaz de conectar um ponto a qualquer outro ponto e de qualquer natureza. Um rizoma, para Deleuze (1995) é formado de *platóis*, que são as regiões de multiplicidades e intensidades conectáveis pelo meio. Por isso, uma das principais características da cartografia é a reflexão das intensidades do objeto de estudo que só são percebidas pelo sujeito na duração. Assim, é importante que o cartógrafo mostre todos os desdobramentos que foram realizados na pesquisa, todos os passos que foram dados, que tenha em mente que o *meio*, na cartografia, é o que explica os caminhos escolhidos durante o processo de produção de conhecimento.

Cartografia: um método em processo de produção de conhecimento



A cartografia não busca estabelecer desde o início um caminho linear. Ao contrário de outros métodos que oferecem um modelo orientador, ou seja, que direcionam o pesquisador a seguir determinado caminho – e nele previamente mostram um início, um meio e um fim possíveis de serem adotados –, a cartografia não traça uma técnica padrão que pode ser pré-determinada desde o início da investigação.

Quando o cartógrafo entra em campo já há processos em curso. A pesquisa requer a habitação de um território diferente que, em princípio ele não habita. Nessa medida, a cartografia se aproxima da pesquisa de modo geral, já que ao colocar-se em contato com seu objeto – qualquer que ele seja – o pesquisador passa a habitar uma nova região. Assim, a cartografia propõe um debate e um percurso metodológico que vai se formando na medida em que o pesquisador se defronta com o objeto estudado, permitindo, dessa forma, o desenvolvimento de *paisagens psicossociais*¹¹, a constituição de um olhar comprometido com o conhecimento, por meio do qual toda teoria a respeito de um assunto passaria a ser instrumentalizada pelo pesquisador através da observação e da experiência de contato que ele tem com o seu objeto de estudo. Deste modo, o investigador, no processo metodológico, vai processando novos territórios e percorrendo outros caminhos que ampliam os conhecimentos desse sujeito. Nesse sentido, não há o distanciamento dele do seu objeto, o que ocorre é um novo processo de produção de conhecimento.

De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995),

somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. [...] E constantemente as linhas se cruzam, se superpõem a uma linha costureira, se seguem por um certo tempo. [...] É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma. (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 77-76).

A possibilidade de se produzir conhecimento tendo nas mãos apenas uma “pesquisa-devir” se deve também ao olhar subjetivo do sujeito. Quando Deleuze e Guattari (1995) falam que somos atravessados por linhas, meridianos, mas que igualmente elas se cruzam, pode-se pensar que, do mesmo modo que podemos construir e formar algo, esse algo não é estático, mas sim dinâmico e depende das percepções, afetos e sensações do cartógrafo. Segundo Rolnik (2007), o cartógrafo:

é um verdadeiro *antropófago*: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, *transvalorado*. Está sempre buscando elementos / alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que

¹¹ Termo usado por Suely Rolnik para demonstrar que a cartografia não é estática, assim como uma paisagem que muda a cada momento, os sentimentos de cada indivíduo diferem.



matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender.

Contudo, é necessário treinar o olhar para a coerência conceitual, ou ainda de acordo com Oliveira a primeira experiência do pesquisador de campo deve estar na “domesticação teórica de seu olhar” (1996, p. 150). Isso porque, o objeto já foi previamente alterado pelo próprio modo de observá-lo através de um prisma teórico. Oliveira alerta para o fato de que isso não é exclusivo do olhar, uma vez que está presente em todo processo de conhecimento, envolvendo também todos os atos cognitivos. O tipo de atividade e o grau de envolvimento variam, mas deve existir um rigor no sentido de evitar que a pesquisa cartográfica seja apenas um amontoado de percepções vivenciadas pelo sujeito sem gerar novas visões e possibilidades reflexivas. Logo, o percurso metodológico se torna o grande norteador reflexivo em uma pesquisa.

A cartografia assume, desse modo, grande importância na pesquisa, pois o que se espera não é apenas uma “coleta de dados”, mas a possibilidade de produzir em cima dos dados já existentes. A coleta de dados pode ser pensada em paralelo ao conceito de *processamento* enquanto que a *processualidade* se atualiza por um procedimento de diferenciação e produção em cima de algo já existente. Assim, o que existe é um processo de produção de conhecimento. É a produção de “algo que já estava lá”, que se comporta como a atualização de uma virtualidade.

De acordo com Kastrup a coleta de dados pode ser pensada em paralelo ao *conceito de virtual* de Henri Bergson, sendo que o virtual se atualiza por um procedimento de diferenciação e produção em cima de algo já existente. Assim, o que existe é um processo de produção de dados. É a produção de “algo que já estava lá”, que se comporta como a atualização de uma virtualidade. Temos o exemplo do nadador que, através de inúmeros treinos, ultrapassa seus limites corporais. Desse modo, o corpo tal como o conhecemos já existia, mas através de outros fatores como a respiração, a técnica, o treino, esse corpo se torna resultado de um processo que está em constante atualização.

Desse modo, a grande questão do cartógrafo, de manter sistematicamente os pensamentos em constante revigoração, é saber o momento certo de diminuir o movimento para observar o que está em processo. Nesse sentido, a atenção lançada sobre a pesquisa deve evitar dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez



controlada. É nesta mesma direção que Deleuze e Guattari (1995) sublinham que a cartografia não é uma *competência*, mas uma *performance*.

O olhar cartográfico se produz de intensidades, encontros em circuitos que possibilitam, a partir da experiência de observar o objeto, produzir territórios de sentidos e de novos conhecimentos. É esse processo que permitirá a compreensão das interrelações constituídas entre os eixos principais de uma pesquisa.

Segundo a professora Cynthia Farina a cartografia deve investigar processualmente:

Esse método de pesquisa não pretende apreender ou imobilizar ditos movimentos, mas pensar seus efeitos enquanto eles acontecem, como também seus rastros pelo terreno. É um método em processo de criação afinado com seu objeto de investigação, quando esse objeto é processual como os processos de formação da subjetividade. (2007, p. 4).

A cartografia busca, em diferentes regiões, as especificidades para compor um olhar, ou seja, não visa construir um mapa que sirva de guia para todos os olhares - até porque cada olhar é único e muda com as vivências do observador – mas, nesse caso busca perceber as dinâmicas, os fluxos e as intensidades que se mostram nos objetos.

Diferente de métodos rígidos, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas processualidades.

É importante pontuar a experiência cartográfica como uma busca pelo aprofundamento do modo de olhar o objeto e de fazer pesquisa. A cartografia desmistifica fórmulas prontas. É necessário refletir que ela não é um método pronto e fechado para se aplicar numa pesquisa, mas podemos pensar nela como uma *deriva*¹² metodológica, que vai sendo construída a partir dos diversos trajetos que o sujeito faz no decorrer da sua pesquisa.

¹² A *deriva* não apenas pensada no seu sentido original - desgovorno da embarcação pelo vento -, mas a proposta pelos situacionistas que a concebem pelo preceito de “andar sem rumo”. A teoria da deriva é de autoria de Guy Debord (1958) e originou-se da idéia de urbanismo psico-geográfico, ou seja, através do procedimento situacionista, que persistia em reconhecer a cidade andando apressadamente pelas mais diversas ambiências o sujeito deixava-se levar sem rumo o que resultava em mapas individuais de cada lugar visitado.



Referências bibliográficas

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓZIA, Liliana da. (Orgs.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BECKER, Howard. Métodos de pesquisa em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1994.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: ORTIZ, Renato. (Org) Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo, Ática, 1983.

BRAGA, José Luiz. A sociedade enfrenta sua mídia. São Paulo: Paulus, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1.

_____. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b. V. 2.

_____. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V.3.

_____. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. V.4.

_____. Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. V.5.

_____. Gilles; GUATTARI, Félix. O que é filosofia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. Imanência: uma vida... Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero11/xiii.html>. Acessado 02 fev. 2010.

_____, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FARINA, Cynthia. Artíficos Perros. Cartografia de um dispositivo de formação. In: 30ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação, 2007, Caxambu -MG. ANPED 30 anos. Pesquisa e compromisso social. Timbaúba, PE: Espaço Livre, 2007. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/grupo_estudos/GE01-2759--Int.pdf>. Acessado em 25 de nov. 2009.

MALDONADO, Alberto Efendy. “Configurações de cidadania comunicacional e cultura de integração transformadora na América Latina/ Expressões críticas relevantes na produção multimídia da Argentina, Brasil, Uruguai, Venezuela e Equador”. In: Projeto de Pesquisa: Unisinos, 2010.

_____. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani; ROSÁRIO,



Nísia Martins do. (Orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2008.

_____. Explorações sobre a problemática epistemológicas no campo das ciências da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, António. *Antología Poética*. Madrid: Alianza, 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MASTERMAN, Margaret. A natureza dos paradigmas. In: LAKATOS, Imre, MUSGRAVE, Alan (orgs.). *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1979.

MORIN, Edgar. *O método 1: a natureza da natureza*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

NAVARRO, Raúl Fuentes. La producción social de sentido sobre la producción social de sentido: hacia la construcción de un marco epistemológico para los estudios de la comunicación. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *Revista de antropologia*, vol. 39, nº 1. São Paulo: USP, 1996.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓZIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009